

A narrativa de uma cidade encantada ou a alegoria de uma tragédia histórica

Arcângelo da Silva Ferreira*

Palavras-chave:

Hatoum
Memória
História

Resumo: O presente artigo almeja analisar a obra *Órfãos do Eldorado*, do escritor amazonense Milton Hatoum, compreendendo como o autor se apropria dos conceitos de História, Oralidade e Memória em sua narrativa, cuja trama abarca a denominada era da borracha nas suas duas fases históricas, em cidades amazônicas como Manaus, Belém e Parintins, sendo esta última elucidada como objeto de interesse. Sendo assim, procura-se problematizar a História mitificada e cristalizada por uma das vertentes da historiografia regional. Nesse sentido, em Hatoum há um compromisso com a concepção crítica da história.

Keywords:

Hatoum
Memory
History

Abstract: The present article the aim is to analyze the *Orphans of Eldorado* work, written by amazon writer Milton Hatoum. Understanding how the author preceives the concept of history, Orality and Memory in his narrative whose plots includes the so-called era of rubber in their two historical periods, in Amazon cities such as Manaus, Belém and Parintins, being the last one elucidated as the object of interest. Thus through bibliographical research, documental and articles try to discuss the history mythologized and crystallized by one of the aspects of regional historiography. In that sense in Hatoum there is a commitment with the critical conception of history.

Recebido em 18 de agosto de 2014. Aprovado em 17 de dezembro de 2014.

Introdução

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

A literatura é assim, a boa filha do historiador, sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. “Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História.” (PESAVENTO, 2009, p. 151).

Os trechos que servem de epígrafe são chaves para a compreensão da constante luta da memória contra o esquecimento. É sabido que a Memória hegemônica procura inscrever uma História em que está em jogo a dissimulação de determinados acontecimentos comprometedores à ordem de valores vigentes. Cabe ao historiador procurar encontrar chaves decifrárias do

tempo, representadas às vezes por pequenas fissuras. Lacunas que se abrem numa escuridão que parece eterna.

Não estamos dizendo aqui que o pesquisador é aquele que traz a luz através de sua “verdade”. Pretensão absolutamente desnecessária e há muito é refutada. Ao contrário, elucidamos que o historiador deve procurar, ao longo de sua experiência, desenvolver sensibilidades. Enxergar evidências na escuridão de suas fontes. Para tanto, terá que se desprender de todo e qualquer preconceito, sair de compartimentos estanques e, como um antropólogo, enamorar o estranho, sabendo que o insólito é bom pra pensar. Daí a significativa acepção da Literatura como “fonte fecunda”. Aquando se configura em uma daquelas chaves que nos referimos anteriormente.

Neste artigo procuramos nos apropriar da Literatura para, por um lado, verificar como o escritor Milton Hatoum lança mão dos conceitos de memória e oralidade para construir o enredo da novela *Órfãos do Eldorado*. Nessa linha, problematizamos a acepção de

*Graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Amazonas.

História, representada na referida obra, por meio da análise do conteúdo histórico inscrito no tempo da narrativa. Nossa principal questão é: como está representado historicamente o período que compreende os anos entre 1890 e 1945?

É o momento, caro leitor, após digressão acima citada, de iniciarmos nosso caminho por meio da linguagem literária. Nesse momento já deve estar evidente que este ensaio pretende lançar mão da Literatura como fonte fecunda para pensar e fazer a história de uma referida realidade pretérita. Vamos então a nossa aventura.

A narrativa do mito viajante

A história cultural já mostrou que ao inventar uma narração imaginária, o escritor coloca no centro personagens plausíveis, baseados nos usos e costumes de uma época. Daquela a qual os papéis se inserem (GINZBURG, 2007), pela via do simbólico o literato representa a realidade. Agora a literatura se tornou empática aos historiadores, e gradativamente compreenderam-na como uma fonte profusa.

É sabido que a leitura indiciária do interior dos escritos revela distinções da sociedade e da cultura. Noutro ângulo, inscrita em seu contexto, a obra desponta significados que justificam suas formas de recepção. Nessa medida, a representação do mundo social transfigurada por meio da literatura é uma chave para aqueles que procuram a sua profícua relação com a história (FERREIRA, 2009).

Igualmente, o discurso historiográfico é concebível como feição de realidades pretéritas. Como a literatura, a história é a articulação de um enredo de ações representadas. Porém, vale destacar que a primeira busca o verossímil, e a segunda almeja a reconstrução das relações humanas no tempo. O literato usa a imaginação, já o historiador, procedimentos científicos.

Marc Bloch juntamente com seus pares defendeu a ampliação do documento. Considerava o tempo como o plasma da história. Preposição pertinente, visto que, em se tratando essencialmente da literatura contemporânea, o cimento de toda estrutura narrativa é, do mesmo modo, o tempo. Portanto, o catalizador da relação dialógica entre Clio e Caliope.

Pautando-se nas reflexões acima, foi eleito como objeto de interesse a novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum (2008). Compreender como o escritor amazonense se apropria do mito viajante da Cidade Encantada para, representar cidades amazônicas como, por exemplo, Parintins é objetivo aqui formulado. Em seu imaginário Vila Bela, a “ilha” na qual Hatoum ambienta parte de seu enredo, é a representação metafórica da cidade de Parintins, por isso o literato lança mão de uma das denominações das quais foram atribuídas historicamente para a referida cidade¹.

Nessa medida, coube ao autor traçar uma continuidade verossímil, recortando cronologicamente o tempo de sua narrativa, no qual aparece o perfil histórico de um período em agonia. Aí está posto a gradativa morte de uma ilusão socioeconômica, submersa no enredo. Alegoricamente simulada através das peripécias e tensões nas quais as personagens fictícias são envolvidas. Fica evidente a intrigante e incógnita relação entre Arminto Cordovil², filho de Amando Cordovil e Dinaura. Talvez a alegoria de um tempo transfigurado. Dessa forma, vale dizer sobre o outro objetivo deste artigo, isto é, analisar qual o significado histórico advindo da novela de Milton Hatoum, publicada pela primeira vez em 2008.

Como nos romances anteriores, a trama que estrutura esse enredo vaza influência machadiana. O leitor, assim como o personagem narrador, interroga-se constantemente a propósito dos segredos que amalgamam a narrativa. São emblemáticas as indagações sobre Dinaura, como por exemplo: “A mulher de duas idades [...] o sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia? [...] parecia uma dessas loucas que sonhavam em viver no fundo do rio” (HATOUM, 2008, p. 31).

Dinaura parece ser a chave que Hatoum, como Machado de Assis em *Helena*, deixa ao leitor (CHALHOUB, 2003). Figura feminina a qual representa as condições de possibilidade para se compreender os fios de memória que tecem histórias. Ora, é na busca de um tempo perdido que Arminto recorre as lembranças de Dinaura. Ouvindo Arminto é possível perceber que Hatoum usando a literatura transportou para a ficção certa sociedade e sua complexidade histórica.

Agora um retorno àquela primeira indagação. Ou seja, como o escritor, em estudo, manipulou o mito viajante da cidade encantada? Para resolvê-la se faz necessária menção à historiografia regional.

Por meio das lembranças provenientes da oralidade de um sujeito amazônico, o avô³ de Hatoum transmitiu um relato, contado ao escritor à época de sua infância⁴. Tal reminiscência, apropriada, vaza a estrutura da novela em análise. Desta afloram transculturações diversas, inscritas na mentalidade amazônica, mas também heranças pretéritas de culturas vindas além-mar atravessando temporalidades descontínuas, compondo, assim, a memória coletiva, pertença de grupos humanos viventes na região.

A historiografia recente, buscando a compreensão das margens míticas que contribuíram com as representações sobre a Amazônia, aponta para a historicidade das cidades advindas do imaginário do século XVI. Nesse contexto, o mito do El Dorado sofreu modificações. Tudo parece ter iniciado com a crença do Príncipe Dourado, um homem vestido de ouro, mais tarde transmutado culturalmente e simulado como um reino, uma região. Manoa era sua capital, às margens de um lago salgado. No mesmo século El Dorado é transportado para diversas regiões (Nova Granada, Venezuela, rio Amazonas, onde se encontrava a etnia Omágua) (UGARTE, 2003).

Do mesmo modo, as cidades encantadas são herdeiras de mitos viajantes que vazam valores e concepções alienígenas, que se inscrevem na diversidade dos mitos locais. Durante o século XVI os colonizadores “buscavam o ouro do Novo Mundo numa cidade submersa chamada Manoa. Essa era a verdadeira cidade encantada” (HATOUM, 2008, p. 99). Nessa medida, assim como os literatos, os historiadores demonstram que o imaginário mental se consolidou num processo de constante ressignificação, plurilinguismo e dialogismo entre culturas. Os registros deixados pelos cronistas revelam o processo supramencionado.

Numa acurada pesquisa histórica, Auxiliomar Ugarte (2003) reflete sobre as expedições do século XVI, sinalizando sobre a permanência da mentalidade acerca da concepção da cidade encantada:

Essa expedição [Jornada de Omagua y Dorado (1560-1561)] originou-se, como as demais, nas histórias de fantásticas riquezas existentes nos territórios do leste dos Andes. Depois da viagem que Orellana comandou em 1542, os espanhóis retornaram seu interesse pelas regiões ainda não conquistadas do interior sul-americano. É possível que muitas das notícias, que os tupi deram aos espanhóis, fossem interpretadas como referentes aos ‘ricos países’, por onde aqueles índios passaram, antes de encontrar o Peru. Ao antigo mito de El Dorado vinha, agora, juntar-se o do Reino de Omágua; o primeiro, anterior a expedição de Gonzalo Pizarro e, portanto, à de Orellana; o segundo como consequência desta, uma vez que não somente Orellana, mas também seus companheiros de viagem, inclusive Carvajal, deram vazão à história de sua aventura no Rio das Amazonas, que se espalhou na América, principalmente no Peru. (UGARTE, 2003, p. 20).

O trecho acima elucida a continuação de um imaginário que, a cada expedição era fortalecido. É visível a peculiaridade complexa do viajante: moderno, porque pisando num determinado chão histórico, porém, medievo, porque está intrinsecamente laçado pela leitura fantástica do mundo. Ademais, estando no âmbito da estrutura do imaginário as representações fantásticas não atravessaram somente oceanos e mares. Perpassaram temporalidades. Testemunho disto é a constância do mito do qual o historiador se reporta.

No plano das relações socioeconômicas, a localização e busca do Eldorado na região Amazônica pode ser compreendida como um subterfúgio para a resolução de tensões políticas que estavam ocorrendo à época da expedição de Pedro de Ursua e do mestre-de-campo Lope de Aguirre. Muitos espanhóis estavam descontentes com as radicais medidas administrativas direcionadas ao Peru. Problemática que a Coroa espanhola precisava resolver.

Por um lado, antigos conquistadores perdiam suas posições políticas autônomas. Por outro, havia o perigo da subversão da ordem dos valores vigentes pela população desassistida. Daí a ideia da existência de uma cidade encantada localizada na região dos Omágua que se torna a válvula de escape. Para lá foram transferidos os desejos de fortuna dos espanhóis desprovidos de riquezas e poder político.

Aliás, Manoa também foi evocada por viajantes não ibéricos. O inglês Walter Raleigh, em 1595, percorreu

o norte da América do Sul, Trinidad e rio Orenoco. Um ano depois o viajante publicaria A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana, com uma relação da grande e douradora cidade de Manoa, a qual os espanhóis chamam de El Dorado. Esse talvez tenha sido o relato mais eficaz no que diz respeito à propagação do mito do Eldorado, visto que se espalha do epicentro europeu (Espanha, Portugal) à época. Para o referido viajante inglês, Manoa constituía-se a capital do Império da Guiana, a “maior e mais rica do que qualquer outra cidade do mundo” (UGARTE, 2003, p. 28).

No enredo de Hatoum é profícuo o diálogo com tal imaginário. O protagonista de sua novela, Arminto Cordovil, lembrando a própria subjetividade do escritor, descreve o mito viajante dizendo ser:

[...] uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivesse escondidas num lugar encantado. (HATOUM, 2008, p. 64).

No conjunto de crenças amazônicas são os bichos, também encantados, que levam para o fundo das águas os seres humanos. Somente o espírito de um pajé pode viajar até a cidade para, assim, libertá-las do encantamento. Inclusive, na memória social das pessoas de mais idade da cidade de Parintins, há lembranças sobre as constantes recorrências a um pajé de nome “sacaca’ mais conhecido da cidade (o termo se refere ao tipo mais poderoso de pajé, do qual se diz poder viajar de corpo e alma até o fundo do rio)” (SLATER, 2001, p. 67), que residia distante da cidade, o qual era solicitado para tirar tais encantamentos, principalmente àqueles envolvendo a figura de botos e cobras⁵.

O escritor amazonense Milton Hatoum, portanto, apropria-se de um repertório de mitos, lendas e crenças, iniciados, como foi dito anteriormente, a partir de suas longas conversas com seu avô, para desenhar a tessitura literária da obra *Órfãos do Eldorado*.

Para refletir sobre o significado histórico de *Órfãos do Eldorado* nas linhas subsequentes se abrem novas discussões. Antes, porém, é válido atentar para o valor elucidativo do título desta novela.

Quando narra Hatoum registra imaginários sobre cidades amazônicas. Representações construídas,

essencialmente, das recorrências que o escritor faz às memórias ancestrais (PIZZA, 2007). É patente nesta novela, assim como nos romances antecedentes, o acurado tratamento dado à história. Em suma, o literato usa bem a memória e a história.

Em seu imaginário “[...] na beira dos rios, Vila Bela era uma cidade anfíbia”. (HATOUM, 2008, p. 53). É, assim, recorrente o uso do elemento água, ora afigurado em *chuva*, ora em *rio* para mostrar ao leitor que a memória é fortalecida e fortalece o sentimento de pertença e identidade. O rio é uma referência significativa aos grupos humanos que vivem na região na qual a novela é ambientada. Nessa fórmula, a menção aos sentimentos de pertença aponta, igualmente, para um atilamento antropológico.

É compreensível em *Órfãos do Eldorado* uma visão de Amazônia mais ampla. O autor desta obra usa, por exemplo, os rios, as aves, a noite, para deixar latente que as concepções de tempo, história, memória são incididas culturalmente. São as chaves que Arminto Cordovil encontra para esboçar suas histórias:

[...] passo a tarde de frente para o rio. Quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca, e só paro de falar na hora que a ave graúna canta. Macucauá vai aparecer mais tarde, penas cinzentas, cor do céu quando escurece. Canta, dando adeus à claridade. Aí fico calado, e deixo a noite entrar na vida. (HATOUM, 2008, p. 14.).

É por meio da natureza que se inicia a narrativa. Diante do rio a história de Arminto é inaugurada. E é finalizada quando Macucauá ecoa. O Amazonas, aqui, vaza sua força polifônica, são inúmeras vozes que o tempo guarda e que a lembrança aguça. Mas é preciso estar diante dele e olhá-lo profundamente, como quem olha para a própria história. Olhar e lembrar para não incorrer na amnésia e deixar o esquecimento penetrar na vida. Isso faz ver o quanto os sentidos são cruciais à memória. Um comportamento, um gesto, um hábito aguçam lembranças. O rio, portanto, é o catalizador da subjetividade de Arminto reconquistada através da memória (ARCE, 2007).

Quando conta a história de sua vida Arminto já está paupérrimo, perdeu a riqueza deixada por seu pai Amando Cordovil, herdada de seu avô Edílio. Três gerações à baila nas lembranças desse peculiar

personagem que Vila Bela pensa ser um louco. Mais um aspecto elucidativo da convicção histórica de Hatoum. Noutras palavras, o literato da vazão a voz de um silenciado para frisar que a história deste está atrelada à cidade. Neste ponto é que reside os componentes de sua memória, seu eterno retorno no tempo e, por extensão, identidade:

Desembarquei em Vila Bela às duas horas da tarde de 24 de dezembro e, quando avistei o palácio branco, senti a emoção e o peso de quem volta para casa. Aqui eu era outro. Quer dizer, eu mesmo: Arminto, filho de Amando Cordovil, neto de Edílio Cordovil, filhos de Vila Bela e deste rio Amazonas. (HATOUM, 2008, p. 25).

Órfãos do Eldorado é uma narrativa onde se inscreve a transfiguração de um tempo no qual foi construída uma memória oficial que luta para se perpetuar como efeméride na memória social da Amazônia: as duas fases da “Era da Borracha”. Crítico dessa ideia laudatória, Hatoum parte das feições identitárias, utilizando-as como um recurso para refutar monumentos históricos.

Paralelo a isso, a trágica biografia de Arminto Cordovil é por si só uma alusão à frágil convicção do tempo enquanto ser monolítico. Um tempo amazônico que sonha com a glória perpétua. O autor parece compreender que a memória também pode se alimentar de lembranças vagas e reafirmar um passado ilusório (MOTTA, 2012): o sonho borracheiro. No trecho a seguir, percebe-se a ganância de Amando Cordovil, descrita por seu filho:

Um dia vou concorrer com a Booth Line e o Liyd Brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para o Hacre, Liverpool e Nova York. Foi mais um brasileiro que morreu com a expectativa de grandeza. No fim, eu soube de outras coisas, mas não adianta antecipar. Conto o que a memória alcança, com paciência. (HATOUM, 2008, p. 15).

A historiadora Edineia Mascarenhas Dias (1999) num estudo pioneiro já elucidou esta ilusão da qual Hatoum denuncia. Para ela o problema da economia borracheira estava no sistema de produção marcado pelo que se convencionou chamar de *aviamento*. Um estrutural mecanismo de dependência dissimulado pela ideia de lucro fácil e eterno. Ao lado disso um efêmero progresso trazido pela importação de projetos urbanísticos.

Priorizou-se o embelezamento das capitais borracheiras, à época polos econômicos mundiais. Dessa forma, no plano do enunciado, contagiado como a facilidade e o consumo, Arminto Cordovil, que aqui representa, por um lado à mentalidade consumista, por outro a ignorância dos donos do poder amazônico “[...] não queria voltar pra Vila Bela. Era uma viagem no tempo, um século de atraso. Manaus tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera” (HATOUM, 2008, p. 17).

Uma chave para verificar a ideia de história da obra literária em análise está no significativo e sugestivo título dado ao livro. No enredo, além da alusão feita à imaginária cidade encantada, Eldorado é um cobiçado cargueiro alemão. Na época da exportação da borracha tê-lo representava poder. A narrativa mostra que esse é o sonho de Amando Cordovil. Entretanto, mesmo depois que consegue, Eldorado naufraga em um dos rios do Baixo Amazonas.

Veja leitor a perspicaz imagem construída pelo literato. Com isso ele sugere que somos órfãos de uma Memória de um tempo maravilhoso, por isso, ilusório. *Eldorado* há muito naufragou. Entretanto, a História insiste em trazer à baila essa fantástica quimera. Semelhante a ardente procura de Arminto por Dinaura, a tapuia encantada que preferiu ir morar do fundo do rio.

Para a estrutura da narrativa de ficção, o evento supramencionado representa o processo de decadência da frágil riqueza herdada por Arminto Cordovil. Isso provoca uma subversão na vida deste personagem. No plano histórico se arquiteta uma questão de escolha feita por Milton Hatoum para, de forma latente, desenhar sua denúncia. Assim, o literato resolve contar a história da “Era da borracha” a contrapelo. Uma história problemática, que é possível perceber no seguinte trecho:

Manaus, a exportação da borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. Só Estiliano ficava com um pé atrás. Ele estava certo. Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer... Tanta ladroagem na política, e ainda aumentam os impostos. (HATOUM, 2008, p. 33).

A imagem acima transfigura aquilo que Mascarenhas denominou de “ilusão do Fausto”. Mostra

os perigos da retração econômica, da concorrência de mercados, da corrupção desvelada, aliás uma das principais heranças deixadas com o advento do sistema republicano. A trágica convicção de que a efêmera riqueza estaria prestes a ruir. Em suma, evidencia-se, assim, um compromisso do literato em deixar patente em sua narrativa de ficção uma interpretação mais problemática da história, na perspectiva de rechaçar os monumentos e seus rastros deixados na memória social destas paragens.

Quando recorremos à historiografia verificamos um profícuo diálogo entre as preposições do literato amazonense e a narrativa histórica acerca da ordem republicana e das ilusões do progresso espraiados às cidades Amazônicas. É válido dizer, inclusive, que Hatoum ao prefaciar o livro *A ilusão do Fausto* já indicava esta aceção. Asseverou uma explícita crítica aos projetos alienígenas intencionados na drástica ruptura urbanística à revelia da identidade local. Essencialmente nos anos da “Bela Época” os espaços amazônicos foram ressignificados à luz da engenharia francesa e da economia inglesa.

É possível conjecturar, verificando a relação dialógica entre o tempo da narrativa inscrito no enredo de *Órfãos do Eldorado* e o tempo da urdidura da novela em estudo, alguns condicionantes em relação ao imaginário da cidade representado no livro de Hatoum. Dito de outra maneira, se considerarmos a literatura como testemunho histórico de uma época, Hatoum pretende denunciar as continuidades históricas presentes na região amazônica.

Recorrendo à realidade pretérita que sinaliza o presente como herdeiro do passado. Sendo assim, a novela *Órfãos do Eldorado*, publicada nos anos iniciais do século XXI, retrata toda sensibilidade do literato no que tange o perfil trágico da história da Amazônia, região que parece continuar presa às amarras de nefastos projetos de colonização, inclusive, a de seu imaginário. É oportuno lembrar aqui do historiador Nicolau Sevcenko (1999) e verificar, a propósito de nossas hipóteses, que o nosso Hatoum apreende de sua literatura uma missão: denunciar a miserável orfandade de um ilusório Eldorado, sonho forjado no passado e que, anacronicamente, continua norteando determinada aceção teleológica de tempo.

Na obra de Milton Hatoum o tempo histórico também é transfigurado como um plasma que nos ajuda a compreender as descontinuidades e especificidades não

somente da História e da Memória, mas principalmente de histórias diversas e dispersas como uma claraboia a revelar, por outros ângulos, outras realidades. Portanto, as narrativas sobre o passado são usadas como documentos a serem problematizados. Nunca como monumentos a exaltar um imaginário há muito forjado para perpetuar a ordem de valores vigentes.

Notas

1 Durante o período colonial e imperial a cidade de Parintins ganhou algumas denominações, como: Tupinambarana (1796), Villa Nova da Rainha (1803), novamente Tupinambarana (1832), Villa Bella da Imperatriz (1852) e Parintins (1880).

2 Lembramos ao leitor, o nome Cordovil adotado por Hatoum é outra menção à história, visto que a primeira denominação da cidade de Parintins, Tupinambarana, foi atribuída pelo capitão português José Pedro Cordovil, se não o fundador, um dos reorganizadores da cidade, segundo fontes históricas como, por exemplo, o livro *Memória do Município de Parintins* de Antônio C. R. Bittencourt (1924).

3 Um regatão que há muito comercei pelos rios da Amazônia.

4 Conforme informação de Milton Hatoum deixado no posfácio da novela em estudo, 1958 foi o ano em que o regatão ouviu o relato e 1965 o ano em que Hatoum ouviu de seu avô.

5 FERREIRA, Teresinha de Jesus da Silva [06 de junho de 2013]. Entrevistador Arcângelo da Silva Ferreira, entrevista concedida em Parintins, 2014.

Referências

ARCE, Bridget Christine. Tempo, sentidos e paisagem: os trabalhos da memória em dois romances de Milton Hatoum. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois Irmãos*, *Relato de um Certo Oriente* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. – Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/UNINORTE, 2007.

BITTENCOURT, Antônio C. R. **Memória do Município de Parintins**: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e imaterial. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **Ilusão do Fausto**: Manaus (1890-1920). Manaus: Editora Valer, 1999.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: fonte fecunda. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdade, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Águilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; trad. Bernardo Leitão (et.al.). Campinas: Unicamp, 1990.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

PIZZA, Daniela. Perfil de Milton Hatoum. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de (Org.). **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas/UNINORTE, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SLATER, Candace. **A festa do boto**: transformação e desencanto na imaginação amazônica; tradução Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: Funarte, 2001

UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI. In.: DEL PRIORE, Mary, GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

Fonte narrativa

FERREIRA, Teresinha de Jesus da Silva. **Terezinha de Jesus da Silva Ferreira** [06 de junho de 2013]. Entrevistador: Arcângelo da Silva Ferreira, entrevista concedida em Parintins, 2013.